Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	10 de Julho de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27	N.º 1063

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Um carro de bois — *Quadro de S. M. a Rainha D. Amelia*

Chronica Occidental

Caravanas de felizes lisboetas partem para o Estrangeiro, não escarrachados no dorso de dromedarios, nem armados de carabinas contra o ataque dos salteadores hespanhoes, mas com a comodidade e segurança de quem viaja em carruagem de 1.ª classe, nas linhas ferreas, que tão vantajosamente nos põem já em rapida communicação com o resto da Europa.

Reducções muito sensiveis no preço das viajens ordinarias, entre a primeira cidade de Portugal e a primeira cidade do mundo, facilmente juntam essas multidões de negociantes, de medicos, de padres, de juristas, de *cocottes*, de arqueologos, de jurisconsultos, de artistas, de jornalistas, de industriaes.

A economia nivela assim, nesses agrupamentos, as classes mais variadas, misturando-as, confundindo-as bem, constrangendo-as a essa promiscuidade de trato e de convivio das excursões baratas, que não é por certo uma das menores conquistas, nem um dos peores triunfos, do nosso moderno espirito democratico.

Das alegres caravanas, uns vão só para gosar, outros para ver e aprender, outros só para dizer que já lá foram.

E outros ha, ainda, para haver de tudo, que não vão nem para gosar, nem para ver, nem para aprender, nem para negociar: são os que vão, muito expressamente, para apoquentar os outros. Não ha viajem de prazer sem elles. Não porque sejam elemento indispensavel para o prazer da viajem; mas porque são elles os que mais farejam a excursão barata, para que nenhuma lhes

Uma Preta
Esculptura da sr.ª Duquêsa de Palmella

escape. Obedecem todos a um mesmo tipo, e esta condição ainda os torna muitissimo mais maçadores.

A primeira preocupação d'este tipo de excursionistas é o vestuario. Póde a excursão limitar-se ás Caldas da Rainha ou á Figueira da Fóz, que nem por isso elle deixará de nos aparecer vestido e equipádo como se fosse partir para a *Viagem á roda do mundo*, em cinco actos e dez quadros, na Trindade. Parece vestido no guarda-roupa do Cruz. Calça e jaquetão aos quadradinhos, polaina até meia perna, botas de salto de prateleira, capacete de linho, binoculo de grande alcance a tiracolo, luvas côr de rato, lunetas defumadas, um cinto com revolver, um relogio de algibeira com despertador, uma bussola, um apito, e a ponta d'um chavelho de familia.

A sua outra preocupação é a bagagem. Elle ha de sempre exceder a concessão dos 30 kilos, que costumam fazer as Companhias dos caminhos de ferro — além dos chamados volumes de mão, com que elle se apressa a marcar, no compartimento da carruagem para onde sóbe antes de mais ninguem, os quatro logares dos cantos, a afugentar os que chegam depois, e que tambem só querem, como elle, um canto junto da janella. Elle já devia saber, por experiencia propria, que nos comboios especiaes das excursões baratas não ha possibilidade de uma pessoa guardar para si mais de um logar, o que já é uma boa fortuna, porque muitas vezes acontece ter a gente ainda de repartir com outros o logar que mal chega para nós. Mas não senhor!

Elle ha de, cada vez, todas as vezes, sempre, fazer o mesmo espalhafato, pondo a um canto o cobertor enrolado em correias, collocando noutro canto o cabaz dos comestiveis, indo espetar no

outro o guarda-sol e a bengala, espapaçando-se no ultimo, e estendendo bem as pernas por cima dos assentos do seu lado, a vêr se póde, assim, tomar ainda mais algum logar.

Como Lisboa é uma terra onde toda a gente se conhece, e onde todos se tratam por tu ou por vossê, não se passam dois segundos sem que uma cara conhecida, extremamente jóvial, se chegue á portinhola do compartimento, que o excursionista maçador escolhera só para si; e ahi começa, verdadeiramente, para o desprevenido, o prazer inefavel, incomparavel, da viagem: encontra um bom companheiro de viajem.

— «Olá! Tu por aqui!» exclama o que já lá estava para o que chegou depois.

— «Pois claro! diz o outro. Por este preço... quem não ha de ir a Paris?! Isto está já tudo tomado?»

— «Não. Isso sim! Estou cá só eu; sóbe tu, tambem. Isto é nosso. Vamos aqui optimamente.»

O outro sóbe e instala se. Ora! E' uma alegria. Muito vão divertir-se.

— «Tu já foste a Paris?» indaga logo o maçador.

— «Eu já, e tu?»

— «E' a primeira vez. Por isso ainda mais folgo com o encontrar-te. Já não te largo. Para onde tu fôres, vou eu.»

— «Falas francês?»

— «Quelque chose...»

— «O' menino! tu has de dar-me licença para que te observe que estás em grande erro de conversação francêsa. O nosso alguma coisa, vertido para francês, e empregado em tal caso, não quer dizer coisa alguma. A resposta, no teu caso de modestia, perguntando-te alguem: — Parlez-vous français? seria esta: Oui, un peu...»

— «Ah! muito obrigado. Não sabia. Mas olha, o melhor, como eu agora já te não largo, será entenderes-te só tu com elles.»

— «Pois está dito.»

Fatal compromisso! Terrivel compromisso! Porque desde esse momento, o desprevenido torna-se, fatalmente, terrivelmente, a victima do maçador. Em má hora elle chegou e espreitou á portinhola d'aquella carruagem.

A animação da gare, quando já se ouviu o segundo toque da sineta aproximando o momento da partida, offerece muita curiosidade. O painel das fisionomias é uma coisa estranha: o traço dominante não é já aquelle mesmo traço de pesada semsaboria que marca fundo o aspecto das multidões das nossas gares quando chega o aprazado momento de abandonar a cidade, para correr os riscos d'um itinerario de villegiatura por campos onde não ha arvores, e praias onde não ha casinos. Não é já o dissimulado enfado de quem deixa, constrangido pela moda, a sua casa, os seus habitos, as suas commodidades, para ir metter-se nas hospedarias da provincia, dormindo em leitos duros como tarimbas, comendo os almoços e os jantares das mesas redondas, entre os arrôtos e cotoveladas das viscondessas e dos viscondes. E' um outro ar, é uma outra animação, é uma outra alegria, é uma outra coisa.

E' talvez a ancia do nunca-visto, a esperança do imprevisto, o atavismo da aventura. Porque Paris é ainda, para muito boa gente, a aventura.

O boulevard!

A mulher!

A civilisação!

Outro toque de sineta, e o comboio parte.

A' entrada do tunel, do immenso tunel, o fumo da machina vae invadir as carruagens. O desprevenido aventa que será melhor deixar as vidraças abertas para que o ar circule; mas o maçador pretende que o contrario é melhor: fechar as vidraças, para que não entre o fumo. O desprevenido é asthmatico, a falta de ar inquieta-o; mas é mais tolerante do que asthmatico. E o maçador puxa para cima as vidraças.

O resto da viajem, até Paris, faz-se sem incidente. Apenas, em Valladolid, experimentando o maçador uma necessidade fisica inadiavel, e pedindo ao prevenido o favor de lhe arranjar um jornal, tudo isto leva seu tempo, e perdem ambos o comboio.

O comboio a meios preços!

O comboio barato!

Bem. Paciencia. O unico remedio é comprar outro bilhete, o bilhete ordinario, e seguir viajem. Se tivessem descarrilado, ou se tivessem tido um choque, não poderia ter sido muito peor? Ora, ! ora!

Chegam a Paris. Procuram um hotel, e ficam no mesmo quarto, onde ha duas camas. O maçador, como quem não quer a coisa, vae apalpando os colchões, e guarda logo para si o que lhe parece mais mole.

Tomam o seu banho, mudam de roupa, fazem a sua *toilette*. O desprevenido, homem pratico, está pronto em meia hora. O maçador, que ainda está em fralda de camisa e piugas, pede-lhe o favor de esperar que elle acabe de vestir se, de fazer o laço da gravata, de frisar o bigode, de procurar um lenço... Diabo! Diabo! mas onde traz elle os lenços, que não ha meio de dar com elles?! E á procura dos lenços se vae o melhor de outra meia hora. Meia hora perdida em Paris! em Paris, onde toda a gente conta os minutos!

E só então o desprevenido sente uma vaga suspeita de que o companheiro de viajem que lhe conviria não era bem aquelle. Mas é apenas uma suspeita, por ora.

— «Vamos ver o Louvre?» diz elle.

— «Homem, boa idéa! diz logo o outro. Nem que vossê advinhasse... Preciso piugas, lá deve haver. Tenho ouvido dizer que no Louvre ha de tudo.»

O desprevenido sorri. Não é dos Armazens do Louvre que elle fala. E' do Museu, do Museu do Louvre!

— «O' menino! O' menino! Por amor de Deus... Pois a gente ha de ir metter-se num museu a esta hora, por este calor?!...»

E propõe que tomem antes uma tipoia descoberta, para dar uma volta nos boulevards. Ao meio dia, debaixo d'um sol que racha!

Se o desprevenido conduz o maçador a um restaurante onde o jantar é a preço fixo, o maçador insinua que melhor será irem a outro onde o jantar seja *á la carte*; se no dia seguinte, o desprevenido, complacente, o conduz a algum restaurante onde o almoço seja *á la carte*, o maçador não occultará o subito desejo de que almocem, nessa manhã, a preço fixo.

Se o desprevenido acha barato, o maçador acha caro; se o desprevenido acha fresco, o maçador acha quente; se o desprevenido acha bom, o maçador ou acha mau, ou acha então que, em Portugal, ha coisa muito melhor!

No momento em que o desprevenido vae deixar de o ser, o maçador tem o pensamento nitido da catastrofe, e corre, sollicito, ao encontro do desejo em que o outro já ferve de se ver livre d'elle. E', o momento decisivo.

— «O' meu amigo, tenha vossê paciencia... Empreste-me ahi uns quinhentos francos, que em nós chegando a Lisboa eu lh'os pago. Não contava demorar me tanto, estou á dependura.»

O outro cae, e nunca mais vê os quinhentos francos. Uns cem milreisitos bem puxados, ao comboio d'hoje....

João Prudencio.

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Secção portugueza de Bellas Artes

O Occidente consagra hoje as suas columnas á secção portugueza de Bellas Artes, referindo se aos nossos artistas e amadôres que concorrem aquelle certâmem.

Como se póde apreciar pelo catálogo illustrado d'aquella secção, ultimamente impresso com esmero, nas officinas da *Edítôra*, é brilhante e numerosa a concorrencia de obras de arte de pintura a oleo e aguarella, a pastel; de esculptura; de architectura, e varias artes applicadas; sendo prefaciado esse catálogo com um excellente artigo do sr. José de Figueiredo, intitulado *Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal*.

Pena foi que a escacêz de tempo não permitisse se expuzesse préviamente ao publico em Lisboa, esses magnificos trabalhos, antes de partirem para o Brazil; sabemos, porém, que ha intenção de na volta se exporem essas obras de arte, embora muitas d'ellas decerto ficarão n'aquelle paiz, dado o merecimento artistico da maior parte.

Rapidamente, vamos mencionar alguns d'esses trabalhos, seguindo a ordem do citado catalogo: assim, do fallecido monarcha El-rei D. Carlos I, figura o magnifico quadro a pastel *Paysagem alemtejána*, exposto na Sociedade Nacional de Bellas Artes, no anno de 1905, e que reproduzimos no Occidente n.º 948.

S. M. a Rainha D. Amelia honra aquella exposição com um bem observado quadro a oleo, representando *Um carro de bois*.

Columbano Bordallo Pinheiro enviou sete primorosos quadros de varias dimensões, sendo tres de admiraveis retratos: um, representando *El-rei D. Manoel II*, que ha pouco reproduzimos no n.º 1058, d'este anno, e os outros dois, os actores *João Rosa* e *Valle*, extraordinarios de semelhança e caracter.

Carlos Reis remetteu a grande e magnifica téla representando o *Retrato de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I, seguido do seu estado maior*, que egualmente reproduzimos no n.º 907.

Velloso Salgado concorreu com dez dos seus magistraes retratos, como é por exemplo o do *Dr. José de Castro*, publicado no catálogo; o do *Dr. Ricardo Jorge* no seu gabinête de bacteriologia, e outros.

José Malhôa expõe varios dos seus notabilissimos quadros de género, dos quaes alguns já figuraram no Salon de Paris, como são *Os Bebedos*, *O barbeiro na aldeia*, *A procissão*, entre outros, além de um explendido retrato do malogrado *Principe Real D. Luiz Filippe;* assim como uma composição histórica intitulada *Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brazil*, feita para o Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro e que publicámos no Occidente n.º 1053.

José de Brito apresenta cinco admiraveis quadros de figura, sendo um idealisado sobre o verso *Alma minha gentil que te partiste...* em que Luiz de Camões figura recitar o seu formosissimo sonêto, ajoelhado junto ao tumulo de Natércia, emquanto mais ao segundo plano o fiel Jau o contempla; entre esses quadros figura tambem *A Vaga*, que publicámos no n.º 878; afóra estes, expõe uma paysagem intitulada *Um ribeiro em Santa Martha*.

João Vaz enviou seis quadros com algumas das suas placidas e lindas marinhas, taes como *Esperando a maré*, o maior; *Margens do Sado*; *Um canto do Tejo*, etc.; é tambem d'este notavel artista a decoração interna do pavilhão da propria exposição portugueza, feita segundo seu projecto e executada nas officinas da Escola Industrial *Affonso Domingues*, que proficientemente derige.

Moura Gyrão concorreu com quatro das suas excellentes composições, em que as personagens são galináceos, seus assumptos favoritos, e dos quaes *Um valente* é devéras interessante, vendo-se um magnifico gallo entre uma debandada de galinhas, defrontando-se com uma astuta rapôsa que se alarpardára na capoeira.

Ribeiro Christino figura com um notavel quadro decorativo, intitulado *Tres rios de Portugal*, em que o Douro, em Barqueiros, o Tejo, em Villa Franca, e o Mondego, em Santa Clara de Coimbra, se vêem, como n'um tryptico, com as suas tão caracteristicas e diversas paysagens pelos entervalos de uma moldura, imitando esta ser de marmore roza, enfeitada de heras, dispostas em estylo moderno; este quadro, que tem um fundo poético, foi, decerto por inadvertencia, collocado no texto do catálogo, na secção da arte applicada.

Domingos Costa expõe tres das suas distinctissimas decorações, de que a linda *Allegoria do café*, reproduz a que foi pintada em crystal, para a fachada de um estabelecimento de Lisboa.

Ernesto Condeixa remetteu cinco quadros, já anteriormente expostos em varias exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, sendo d'estes o mais notavel e primorôso, *Uma feira nos arredores de Lisboa;* de Ribeiro Junior, sobrinho de Condeixa, são os interessantes *Ferreiros*, quadros estes que foram em tempo reproduzidos no Occidente.

Um retrato do nétinho — *Quadro de Correia Brandão*

Almeida e Silva enviou seis bem estudados quadros de paysagem e género, colhidos nos ar-

redores de Vizeu, sendo *A apanha do folhado*, um dos que denota mais estudo e observação do proficiente artista.

Teixeira Bastos mandou as interessantes telas dos *Cinco sentindos*, de que o OCCIDENTE deu em tempo a devida reproducção.

Antonio Carneiro apresentou numerosos quadros, sendo cinco de figura, representando o mais consideravel, um *Grupo de familia*, e sete de paysagem e marinha, colhidos nos arredores de Léça e Mattosinhos; e Antonio Costa quatro interessantes paysagens e um quadro de flôres.

Constantino Fernandes remeteu tres bellos quadros, sendo dois as já conhecidas e primorosas composições *A Peste expulsa os castelhanos de Lisboa* e *O amigo das creanças*, e um novo, intitulado *Original para um cartaz*.

Julio Costa expõe com o sugestivo titulo *Só* a entristecida figura de uma mulher, com a cabeça apoiada nas mãos e o olhar vago, allucinado; e Correia Brandão dois avós embevecidos na contemplação de *Um retrato do nétinho*.

Torquato Pinheiro apresenta quatro das suas formosas paysagens estudadas proximo de Villa Real, e a sr.ª Viscondessa de Sistello seis outras, colhidas nas proximidades do Porto e de Paris.

Souza Pinto, o mais classificado e premiado dos pintores portuguezes, enviou seis das suas preciosas télas, todas já expostas em varios *Salons*, como são os *Amuados*, *A Irmãsinha*, *O almoço do avô*, *Sobre a herva*, etc., todas do maior valor artistico.

Henrique Pinto expõe nove varios quadros, todos de género, como *A' porta da taberna*, *Na eira*, *Manhã de figos*, etc., na maioria já expostos anteriormente em Lisboa.

Illustres amadôras de bellas artes, como as sr.as D. Emilia Santos Braga, Condessa do Alto Mearim, D. Virginia Avellar, D. Laura Bandeira, D. Maria Corte Real, D. Lucilia Grave, D. Alice Lima, D. Esther Machado, D. Branca Marques, D. Bemvinda Pinto, D. Maria Roberto e D. Margarida Romão, expõem egualmente varias e interessantes telas, em género, paysagem e natureza morta.

Tambem os srs. Abel Cardoso, Teixeira Marinho, Thomaz de Mello, Eduardo Moura, Julio Ramos, Antonio Saude e David de Mello, apresentam em figura, paysagem e marinha notaveis e interessantes quadros.

A esculptura é admiravelmente representada com varias estatuas e bustos, sendo do gloriôso Teixeira Lopes *O commercio e navegação*; de Thomaz Costa tres trabalhos de marmore: *Hébé*, *Venus Anadyómene* e *Cabeça de creança*; em bronze um *David*, e em gêsso a estatua da *Industria*.

Costa Motta, mandou duas estatuas de bronze: *Volta da fonte do Castello* e a de *Bernardim Ribeiro*, e um busto tambem em bronze de *Luiz d'Almeida e Albuquerque*, trabalhos primorósos que dizem o alto valor do artista; seu sobrinho Costa Motta tambem se evidenceia com um *Retracto do actor Taborda* e uma *Cabeça de bébé*.

A sr.ª Duqueza de Palmella, honra o certamen com tres bronzes primorosos: *Fiat Lux*, *Simy* e *Cabeça de preta*.

João da Silva expõe n'um quadro dez delicados retratos em medalhas de gesso, e Fernandes Caldas a estatuêta em madeira e colorida, representando a imagem de *Nossa Senhora do Rozário*.

E' brilhantissima e numerosa a exposição dos architectos portuguezes; assim, Ventura Terra apresenta o grandiôso projecto do *Palacio do Congresso Nacional para o Rio de Janeiro*, admiravel trabalho a que o governo brazileiro deu o primeiro premio, adoptando-o em concurso internacional, e que reproduzimos no OCCIDENTE n.º 1007.

Marques da Silva enviou o não menos notavel *Projecto da Estação Central do Porto*, que se está construindo n'aquella cidade.

Frederico Gomes, além do magnifico projecto do *Monumento á Immaculada Conceição*, que em tempo obteve o primeiro premio no concurso, (de que o OCCIDENTE publicou a reproducção, e que se está construindo no alto da Avenida em Lisboa), expõe tambem um outro magestôso projecto *Um palacio real para residencia durante a época balnear*.

Francisco Parente enviou á exposição um imponente projecto de *Circo equestre* e a *Egreja romanica* (3.º premio do concurso), e Alvaro Machado dez projectos, entre os quaes a *Egreja Monumento* (2.º premio), o graciôso *Viaducto sobre a Avenina Ressano Garcia*; o *Collegio de M.me Russel*, na mesma Avenida e já construido; assim como o *Tumulo do architecto Domingos Carlos Parente*; *Tumulo dos Viscondes de Valmôr*. Deste ultimo e do viaducto sobre a Avenida Ressano Garcia publicou o OCCIDENTE, em tempo, os desenhos.

Norte Junior expõe os projectos das casas, já construidas, para os srs. José Malhôa, Branco Rodrigues e Mario Artagão, assim como o de um enorme e bello *Circo equéstre*.

Raul Lino enviou tambem o seu projecto para a *Igreja da Immaculada Conceição* e um outro para uma opulenta casa em Lisboa; além de dez photographias com fachadas de varios predios construidos em Lisboa e provincias, sobresahindo pela originalidade e caracter portuguez, a casa do sr. José Relvas.

Antonio Couto e Arthur Rato respectivamente apresentaram interessantes projectos para um *Pantheon* e *Um casino*.

Na secção da aguarélla notibilisa-se, como sempre, Roque Gameiro, com vinte e tres diversos quadros de figura, costumes, paysagens, marinhas e vistas de monumentos portuguezes, sendo d'estas a *Porta Central dos Jeronymos*, uma das mais bellas e difficeis.

José de Brito, Alfredo Guedes, Moura Gyrão e Joaquim Marinho apresentam numerosas e agradaveis aguarellas, e o notavel critico de Arte, Sezinando Ribeiro Arthur, um official superior do exercito, salienta a sua especialidade de historicas e interessantes figuras de militares nacionaes.

UM TAMBOR
Aguarella de Ribeiro Arthur

Em pastel e desenho, José Malhôa, Mattôso da Fonseca, Teixeira Marinho e Augusto Bobone enviaram apreciaveis trabalhos de especialidade.

Por ultimo, o magnifico catálogo da exposição portugueza de Bellas Artes do Rio de Janeiro, que é illustrado com 60 primorosas photogravuras feitas em Lisboa, na officina de Thomaz Bordallo Pinheiro, cita os expositôres de arte applicada, que brilhantemente concorreram á Exposição, por uma forma tambem altamente honrosa para Portugal; assim. sobresahem as sr.as D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, com sete deliciosas rendas de Peniche, applicadas a *cabeções* e a *lenços*, segundo os estylos D. João V, Góthico e o Moderno; D. Francisca de Andrade, D. Maria Lima e D. Hermengarda de Carvalho com bordados a matiz e a escumilha para *leques* e *biombo*.

Leitão & Irmão enviaram uma grande quantidade de primorosas peças de prata lavrada, feitas nas suas magnificas officinas; taes como *Um grande centro de meza*, estylo D. João V; *Um serviço de chá e taboleiro*, estylo D. José I, além de outras muitas, todas admiraveis.

Giovanni Christófaneti expõe dez lindas plácas de latão para vélas, em estylos Luiz XVI e Imperio, além de tres aldrabas de bronze fundido e cinzelado e duas molduras de latão e ferro, com embutidos de prata e ouro.

João Monteiro mandou varios pratos de parêde em prata cinzelada, com figuras em relêvo no centro; e João da Silva, um quadro com seis reducções galvanoplásticas.

José Maioz enviou um *Armario* e uma *Secretária* com magnifica tálha, tendo applicações de cobre, bem como uma *Boisserie para Salão* em estylo Luiz XVI.

Jorge Colaço, o infatigavel organisador d'esta secção e representante de todos os artistas portuguezes na proxima exposição da capital dos Estados Unidos do Brazil, notabilisa-se com oito grandes composições em azulêjos, dos quaes dois em tryptico; d'estes a *Descoberta do Brazil*, que o OCCIDENTE ha pouco publicou, é um dos mais notaveis, assim como tambem é de grande merecimento o quadro do mesmo género *Sinite parvulus venire ad me*.

Leopoldo Baptistini e Luiz Cardôso egualmente expõem interessantissimos azulêjos, sendo do primeiro um grande quadro representando *Uma passagem dos Lusiadas* e do segundo seis composições com figuras, e um *Retrato de S. M. El-rei D. Carlos I*.

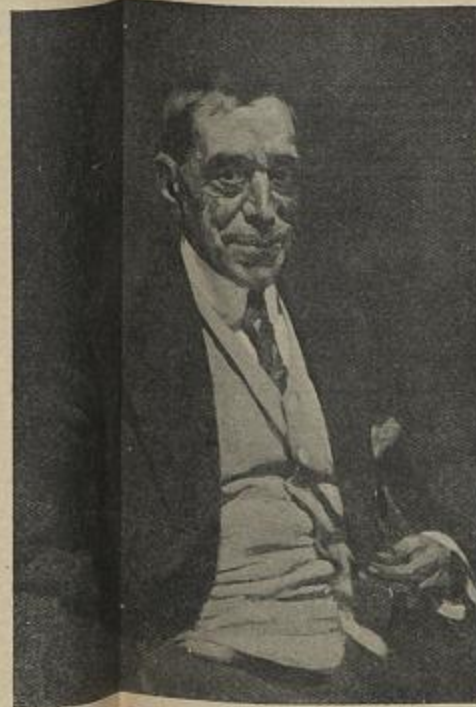
Pelo que succintamente procurámos resumir, se póde avalir da grande importancia da secção portugueza de Bellas Artes, á qual, estamos crentes, corresponderá um legitimo successo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, a que a grande Republica dos Estados Unidos da America do Sul, convidou gentilmente o reino de Portugal, como a um irmão que muito presa e a que este corresponde com tanto ou mais amor, pois lhe dá o esforço de tantos de seus filhos que constantemente para lá vão, cómo para uma segunda patria.

J.

COLEGIO DA MADAME RUSSEL — *Projecto de Alvaro Machado*

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Comércio e Navegação — *Esculptura de T. Lopes*

Uma rua da Mouraria — *Aguarella de Roque Gameiro*

Retrato do Actor Valle — *Quadro de Columbano*

Esperando a maré — *Quadro de João Vaz*

A apanha do folhado — *Quadro de Almeida e Silva*

«Alma minha gentil que te partiste» — *Quadro de J. Brito*

Os bebados — *Quadro de J. Malhôa*

Tres rios de Portugal — *Quadro decorativo em triptico de Ribeiro Cristino*

Alegoria do Café
Decoração de Domingos Costa

O dr. Ricardo Jorge no seu gabinete de bacteriologia — *Quadro de Velloso Salgado*

A campanha do Cuamatu

Conferencia pelo comandante Alves Roçadas

(Continuado do numero antecedente)

O corpo da columna, sem alterar a formação de marcha, continuava no seu caminhar, internando-se os escalões successivamente na estreita matta já referida, onde os sapadores tiveram ainda de abrir caminho a machado.

Instantes depois desembocavamos na chana Mufillo, extensa planicie de capim, sem que nós os mais adiantados, lograssemos avistar o inimigo.

Tudo era ainda silencio em volta de nós. Depois de entrar na planicie o 1.º escalão, appareciam o 2.º e o terceiro, e, quando julguei ter avançado bastante (uns 700 metros) para dar logar a todo o comboio e ao 4.º escalão, mandei tocar a alto, seriam umas 9 horas e meia.

Quasi ao mesmo tempo se ouviram os primeiros tiros na cauda da columna que ainda se achava internada na matta.

Eram o 1.º de dragões e 16.ª indigena, que escoltando o comboio defendiam os ultimos carros da investida do inimigo, que começara por ali o ataque, que tanta gloria viria dar-nos n'aquelle dia, mas tambem á custa de bastante sangue.

O ataque generalisou-se rapidamente envolvendo-nos o inimigo quasi n'um circulo de fogo.

O meu cuidado era saber se o comboio estaria todo já dentro do quadrado. Por isso, emquanto os escalões tomavam rapidamente as disposições de combate, dirigi-me á retaguarda, verificando com satisfação que o comboio, apesar do chuveiro de balas, formava nas disposições regulamentares, tanto quanto o permittia a occasião.

Apenas um carro alemtejano que fôra de encontro a uma arvore, tivera de ser abandonado, mas salvando se-lhe a equipagem e carga.

Foi uma bella operação esta da concentração do comboio sob o fogo do inimigo e não isenta do sacrificio.

Deve-se principalmente á firmeza e denodo da escolta.

O 1.º de dragões juntamente com a 16.ª indigena, desenvolvendo em atiradores, aguentaram por espaço de uma hora toda a furia do adversario, conseguindo assim que todos os carros atravessassem sãos e salvos, com excepção de um só, os 400 metros de mato.

Esta curta luta custava-lhes 5 homens feridos e 7 solipedes fóra do combate.

Descripção do combate

Estava travado o duelo ha tres annos esperado.

Tanto de um como de outro lado se presentia que era uma luta de vida ou de morte.

Tambem o inimigo congregara toda a sua força propria e a dos visinhos. Estavam ali os cuamatuis, cheios de força moral, nosso tradicional inimigo, o mais aguerrido e feroz das tribus de além Cunene, a ponto de ser temido do proprio cuanhama e evale.

Estavam ali os cuanhamas que, apesar das boas relações comnosco, se ligaram na defeza commum. As informações disseram que Nande mandara 12 das melhores lengas ou sejam tres a quatro mil homens bem armados.

Estavam ali os cuabis, atrevidos guerreiros, destemidos sobretudo no choque á arma branca. Estavam ali, emfim, os gangellas, barantus e hingas.

Um bloco de uns 20:000 homens de um lado e umas 1:500 espingardas do outro. Um contra mais de 20!

Ambos os partidos pensariam, decerto, n'aquelle momento, em 1904, obcecados uns, os mais numerosos, pela furia selvagem, pela sede do despojo; altivos e serenos os outros pelo orgulho de raça e pelo rigor da disciplina.

Eram 9 horas e 45 minutos quando todo o campo, sob um chuveiro de balas, se encontrava no mais acceso da luta. Já caíra ferido o meu ajudante de campo, alferes Velloso; o commandante da 14.ª indigena tinha o braço atravessado por uma bala; o commandante da 2.ª europeia duas vezes lhe furaram o chapeu; o commandante da 1.ª europeia, idem; o cavallo do chefe do estado maior caía morto com a cabeça atravessada; a ambulancia começava a povoar se.

Os dragões (1.º e 2.º) impavidos, a cavallo, conservavam se mudos e quedos como estatuas, voltados para a face da retaguarda, a mais apoquentada então. Já contavam alguns solipedes feridos.

De toda a orla do matto, n'um circulo de mais de 4 kilometros de desenvolvimento, o inimigo vomitava fogo certeiro. Os projecteis cruzavam-se em todos os sentidos; não havia logar nenhum seguro. O sibilar secco e fino, semelhante ao da vespa, predominava ao grosseiro zumbir dos zagalotes.

De vez em quando o estalido como de chicote, vinha ferir-nos o ouvido.

Eram os projecteis explosivos.

De uma libata mettida no matto e a uns 200 metros, que ficava fronteira ao angulo da face esquerda e da rectaguarda do quadrado, o inimigo varejava-nos com um terrivel fogo de escarpa.

Convergiu-se para ali o fogo de uma peça de 7ᶜ e de um Canet; o inimigo afrouxou o seu tiro.

O nosso fogo, a principio desordenado, começava a regularisar se. As descargas cerradas succediam-se em todas as faces, mas o inimigo não cedia. A ambulancia crescia, a sêde devorava a todos.

Era quasi meio dia. Relanceei os olhos pela orla; o fogo continuava intenso, sem se lograr ver sequer o inimigo.

(Continúa).

ALVES ROÇADAS.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1062)

VI

Veronica Zaranegra, encantada de encontrar o seu collar, ainda o estava mais da aventura que viera com elle.

Esse bello moço, com os seus olhos fulgurantes, ternos de admiração, que lhe havia restituido as opalas, parecia um cavalleiro de uma terra de fadas. Nova, aborrecida da reclusão da sua viuvez, levava a constrangida existencia que lhe impunham as pessoas que tinham auctoridade sobre ella, e estava prompta a tornar a lançar-se nos gosos, divertimentos, affeições e desejos que a vida offerece. O tragico fim de seu marido havia-a impressionado e entristecido, mas restabelecera-se d'esse choque. Fôra o seu casamento arranjado pelas familias de ambos, sem que o coração de nenhum de elles fosse consultado. Zaranegra, todavia, apaixonara-se por ella, deixara-lhe tudo que estava em seu poder deixar-lhe, e fôra muito.

Dava a lembrar um quadro de Caterina Cornaro, quando estava no balcão da sua casa, com os cabellos de ouro presos n'uma rêde entretecida de perolas, e a sua capa de setim encarnado forrada de marta, que dos hombros lhe cahia até os pés, como o vestuario de uma dogaressa.

O balcão estava cheio de filipendulas, cujos alvos botões eram como a neve em torno de ella á luz das estrellas e á luz artificial, quando a gondola que levava Andreis e o seu companheiro para o palacio d'ella parou em baixo na agua, junto das escadas.

Atirou a capa para cima de uma almofada quando falou; estava vestida de branco, mas as mangas de gaze do roupão deixavam ver os lindos braços, e o corpete era um pouco aberto no peito; brilhava-lhe o rosto com uma rosa sobre a sombra profunda do roupão; e tinha o cabello um pouco encaracolado pelo vento da noite, quando estivera na varanda.

— Que tino mostrastes em dar pelas minhas opalas debaixo das hervas e da areia! — disse ella, passados alguns momentos, quando Andreis apresentou Damer na comprida e escura sala cheia de tapeçarias, e rica de bronzes, marmores, pinturas e mosaicos.

— Madame — disse Damer, curvando-se deante de ella, com extranha e importuna sensação de embaraço. — O principe Andreis não vos devia ter dito que eu tive essa boa fortuna. Não sou, a bem dizer, cortezão de damas; elle sim.

— Mas como foi que as enxergastes, tão escuros e cobertas de lodo, como estavam?

— A vista é uma questão de exercicio, e eu faço uso dos meus olhos. Não faz o mesmo a maior parte da gente.

Veronica olhou-para elle e riu-se. Pareceu-lhe muito singular essa resposta.

— Toda a gente vê, a não serem os cegos — disse ella, um tanto embaraçada.

— E os myopes — accrescentou Damer.

— A condessa não alcançou o sentido d'essas palavras, e desviando-se de elle com impaciencia, dirigiu-se a Andreis.

Falou de musica, arte em que Andreis era perfeito. Sobre o grande piano estava um bandolim, em que Andreis pegou, e cantou, acompanhando-o elle, uma canção amorosa siciliana; ella tirou-lh'o das mãos e cantou barcarolas e stornelli venezianos; depois cantaram juntos, e as suas vozes limpidas e juvenis confundiram se melodiosamente. Gente que passava no canal deteve se as suas gondolas sob o balcão para escutarem, e alguns musicos de profissão venezianos, que iam n'uma de ellas, applaudiram. Damer, sentado na sombra e a ouvir, olhava para elles. Pouco ou nada a musica lhe dizia, mal sabia o que isso era, mas o que quer que fosse d'essas vozes confundidas tocou uma corda da sua natureza; fel-o sentir-se vagamente triste, irrequietamente desejoso, loucamente irritado. A luz cahia sobre a formosa cabeça de Andreis, na carnação da garganta de Veronica, nos anneis das mãos de ambos, que tocavam quando passavam o bandolim um para o outra; por detraz de elles estava a vidraça aberta, o balcão com as brancas filipendulas, a frontaria illuminada no lado opposto do canal.

Quando cessaram de cantar, a gente de baixo na laguna applaudiu de novo, e exclamou: *Brava! Brava! Bis, bis!*

Andreis sorriu se e ergueu-se. Dirigindo-se para o balcão atirou com algumas moedas para o barco dos musicos ambulantes, que tinham deixado de tocar e de cantar para ouvirem.

— São muito amaveis para nós os artistas que estão lá em baixo — disse Andreis com um raminho de filipendulas na mão, ramo que tratou de prender na lapella, quando tornou para dentro da sala.

Fechem as janellas — disse a condessa Zaranegra aos seus creados, que traziam café e vinho, limonada e refrescos.

— Sois mais que um amador — disse Veronica.

— Oh! todos os sicialianos cantam. Aprendemos com as sereias.

— O principe Andreis é um poeta — disse Damer, com um tom duro na voz.

— Que nunca escreveu um verso — observou Andreis, apresentando uma chavena de café á sua hospeda.

Atravez das janellas fechadas coava na sala, frouxo e abafado o som de um côro entoado pelos cantores ambulantes em baixo; a luz dos candieiros resplendia nos raminhos brancos de filipendulas que elle tinha no casaco, e fazia lembrar um chrystal de neve.

— Se eu tivesse achado as opalas, seria inspirado por ellas — accrescentou o principe.—D'esta maneira sou mudo e infeliz.

Veronica Zaranegra sorriu-se.

— Mudo tambem era Orpheu.

— E infeliz foi tambem o principe Fortunato — accrescentou Damer. — Se o sois, é por contentamento, visto que os deuses vos concederam demasiadas graças.

— Ou porque furtou um pé de filipendula.

— Posso guardar o meu furto?

— Podeis, sim, porque trouxestes as opalas, embora as não achasseis.

Pouco depois, ambos se despediram e desceram para entrar na gondola, que os esperava. O barco dos musicos tinha ido para cima, para o Rialto, com as suas lanternas de papel de côres a brilharem nas trevas. Não fazia luar. Não falaram um para o outro durante os poucos minutos que levaram até o hotel. Quando chegaram lá, separaram-se com uma breve *boa noite*. Nenhum perguntou ao outro quaes tinham sido as suas impressões da dama e da visita.

Estava escura a noite. Nevoeiros embaciavam as estrellas. Brilhavam as luzes da Dogana e as dos candieiros ao longo da riva dos Schiavone, e muitas outras luzes scintillavam aqui e além, nas gondolas, nos barcos ou nos mastros grandes dos navios ancorados na doca de S. Marcos. Era cedo ainda — onze horas — e o canal não estava por ora deserto. Havia o som liquido da agua que se rasgava, quando passava gente por sobre a sua superficie. A essa hora Veneza ainda é o que era nos dias de Paulo Veronez e de Virginia di Leyva.

Andreis sentou-se juntou da parede de mar do jardim do hotel, e olhava distrahido para a negra amplidão matizada de luzes como diamantes, e pensava exclusivamente na mulher que tinha deixado. Via os seus cabellos de oiro a brilhar á luz do candieiro, o rosado da carnação, a fina mão ornada de joias no bandolim, a bôca risonha, e como uma rosa; ouvia a voz clara, fresca, espontanea, a subir e a descer com a sua, emquanto

lhe sorriam os olhos e se encontravam com os de elle.

Pedras de tristeza! pedras de tristeza! — pensou elle. — Não, não. Hão de ser joias de alegria para mim, para ella. O amor nasce de um volver de olhos, de uma nota, de um murmurio. E' a flôr magica da vida. Abre-se toda n'um instante. Não precisa de tempo nem de reflexão.

Pulsava lhe o coração alegremente; os nervos estavam agitados e convulsos; a boavinda de uma commoção nova e profunda era sem receio.

Em tal disposição, a menor bagatella tem eloquencia. O principe entristeceu se de vêr que todas as florinhas de filipendula, na casa do seu casaco, tinham cahido e desapparecido, como se fossem realmente neve que se derretesse ao sopro do sirocco.

(Continúa.) ALBERTO TELLES.

Ersilia ou Os Amores de um Poeta

Com este titulo suggestivo e empolgante acaba de sair dos prelos da Parceria Antonio Maria Pereira um romance devido á penna do Visconde de Sanches de Frias, um verdadeiro benemérito da lingua e de literatura patrias.

Não ha ainda muito tempo que nas columnas d'esta revista illustrada, referindo me á publicação da famosa comedia *Ignês d'Horta*, do mallogrado poeta portuense Faustino Xavier de Novaes, rendi o devido preito de justiça a Sanches de Frias que, fazendo-a imprimir e salvando-a assim d'um triste e miseravel olvido, acompanhou o texto com eruditas palavras suas ácerca de Xavier de Novaes e respectiva obra.

Hoje de novo me reporto a trabalho de Sanches de Frias, trabalho recentissimo, — *Ersilia ou Os amores de um poeta.*

Não é esta a primeira vez que o esclarecido titular apresenta em publico romances.

Dois lhe conheço eu, não só deleitosos mas profundamente instructivos, — *Uma viagem ao Amazonas* e *O Senhor de Fóios.*

Essencia e fórma caracterisam se n'estas producções literarias pela maxima correcção de linguagem e pela fina delicadeza de conceitos.

E, reunindo ahi sempre o util ao agradavel reconhece-se no romance o mesmo escrupulo de verdade com que o autor deu á estampa a esplendida memoria historica e descriptiva *Pombeiro da Beira*, o drama tambem historico *O Poeta Garcia* precedido de precioso estudo genealogico e biographico do celebrado guerreiro filho da encantadora villa de Avô, *Memorias Literarias*, onde traçou com firmeza de mestre consummado os retratos de mortos inolvidaveis como D. Thomaz de Mello e Simões Dias e dum vivo deveras modelar e honra insigne da formosissima lingua que Vieira consagrou no pulpito, Camões em verso que não morre, Castilho, Garrett, Herculano em livros que não acabam, dum vivo que se chama Candido de Figueiredo.

Ersilia, que encerra um texto distribuido por vinte e seis capitulos, abrangendo 509 paginas, é obra de merito acabado que nada fica devendo em primores de estylo claro e em bellezas educativas de quadro moral ao que de melhor entre nós se tem escrito no genero.

Eis o thema: Ersilia, filha d'um commerciante, casa por conveniencia paterna e no proprio dia em que se realisa o enlace matrimonial irrompe-lhe do peito votado a outro homem, a um poeta, o amor ardentissimo da sua alma sonhodora e ingenua.

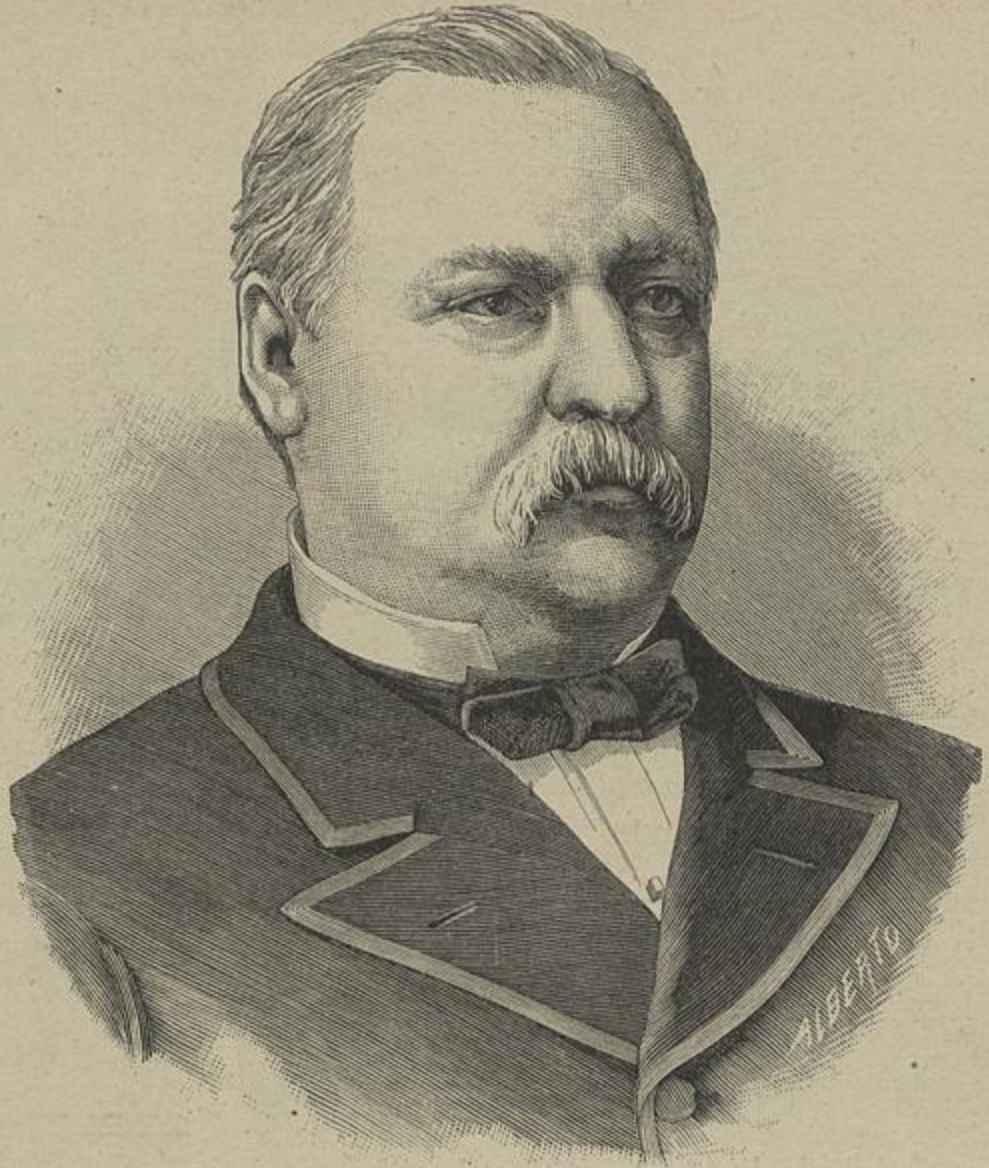
Obedecendo a seu pae sem visivel reluctancia enganara-se comtudo redondamente.

Em volta deste facto positivo vivem e captivam-nos planos e figuras de secundaria exhibição quanto ao romance mas de inexcedivel realismo no concernente a typicas individuações da sociedade a que pertencemos.

Ersilia que em ser que não era o seu marido encontrou o integral complemento do seu intimo affecto chega por fim a unir-se-lhe em corpo e alma, fóra porém de soluções deshonestas e de gestos illegitimos.

Por aqui vêem os leitores que o Visconde de Sanches de Frias versou no seu ultimo romance, por agora, uma these de melindrosissima escabrosidade e que a versou como é proprio da gente limpa, que se présa, o fazel-o.

Manteve-se na altura digna, tal qual se contem nas seguintes linhas do seu punho que antecedem n'um rapido *A Quem Lêr*, a lettra do romance:

«O vocabulário do realismo crú e as respectivas scenas pornograficas pertencem, de facto e de direito, aos alcoices.»

Infelizmente, o indubitavel asserto que precede é desconhecido para um crescido numero de ôcos de espirito e de entendimento que julgam conquistar a immortalidade mediante sandices de lupanar dadas a lume com insensatez pasmosa.

Quizera dispôr do espaço necessario para definir e revelar n'estas columnas toda a suma do romance *Ersilia ou Os amores de um poeta*, e bem assim toda a sua synthetica philosophia, mas não só a isso se oppõe a falta do espaço como a minha precaria capacidade critica.

Entretanto, quero acrescentar ao exposto, que adivinho no protagonista do romance, no segundo esposo de Ersilia, a propria figura do autor, poeta com effeito e de bom quilate, poeta que no mimoso volume *Horas Perdidas*, dedilhou a lyra das Musas com perfeita e inconcúsa naturalidade!

Em resumo, para de nada carecer o romance, até mesmo a referencia politica é de molde a ser ponderada com immediato aproveitamento, e quem houver lido o opusculo *Os partidos que se partem e repartem*, posto ultimamente em circulação pela Livraria Editora, Viuva Tavares Cardoso, poderá affirmar sem receio que este é parto do cerebro onde aquelle foi gerado.

D. FRANCISCO DE NORONHA

ESTEVAM GROVE CLEVELAND, Ex-presidente dos Estados-Unidos da America do Norte

NECROLOGIA

Estevam Grove Cleveland

EX-PRESIDENTE DOS ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

Um telegrama de New-York annunciou ao mundo a morte de Estevam Grove Cleveland, occorrida em 24 de junho ultimo.

O ex-presidente da Republica Norte Americana, era dos homens politicos mais populares do seu país, pela rétidão e probidade de caracter, que sempre manifestou em actos da sua vida, dotado de grande energia, qualidades que todas formaram o grande estadista e a boa administração que distinguiu os seus governos.

Por duas vezes mereceu o sufragio publico para a presidencia da grande republica, alcançando-o por consideravel maioria.

Estevam Grover Cleveland era o quinto filho de um pobre presbitero de Caldwel, onde nasceu a 18 de março de 1837.

De muito novo se empregou no comercio para sustentar-se, ao mesmo tempo que estudava na Academia de Clinton. Depois foi mestre-escola em New-York e estudou direito em 1859, sendo nomeado ajudante do procurador da republica em Buffalo, em 1862, e por fim procurador em 1865. Eleito juiz de Erie County desempenhou este cargo durante tres annos com extrema rétidão e energia, o que lhe valeu ser eleito chefe do distrito de Buffalo.

De tal forma se conduziu naquele cargo, conquistando grande popularidade, que o partido democratico o elegeu governador do Estado de New-York, em que afirmou suas grandes qualidades de administrador, ganhando na opinião publica direito a mais elevada missão.

Foi assim que nas eleições de 1885-1889 para a presidencia da republica, o partido democratico o propoz candidato e triunfou por consideravel maioria. Outro tanto sucedeu em 1893, alcançando tresentos votos entre quatrocentos e quarenta e quatro de que se compunham os representantes dos colegios eleitoraes da eleição preparatoria.

Cleveland foi um dos grandes amigos do seu país, que lhe soube recompensar a dedicação e apreciar seu valor, elevando o ao maior cargo da republica. O pobre filho do presbitero conquistou palmo a palmo a sua posição, vindo elle da mais modesta classe do povo, que sempre amou e protegeu, pugnando pelos interesses de seus compatriotas, em toda a parte do mundo que elles se encontrassem e até pelos naturalisados cidadãos dos paises em que viviam.

Sendo a justiça a norma da sua politica, secundada por um espirito iminentemente liberal, Cleveland no seu segundo governo da Republica, influiu consideravelmente para a terminação da guerra com a Espanha em Cuba, que classificou de injusta.

O sr. tenente Silveira Ramos — primeiro classificado

Um aspecto da assistencia ás corridas

FESTA DE CARIDADE E DE SPORT, NO PARQUE FONTALVA, EM PALHAVÃ

Promovida e organisada por uma comissão composta dos Ex.mos Srs. Conde de Fontalva, Conde de Redondo e Vimioso, D. Luiz do Rego, Manuel Figueira Freire da Camara, D. Simão de Sousa Coutinho (Borba), Alvaro Ferreira e Possidonio de Castro, com o concurso de elegantes e gentis amazonas, discipulas do professor sr. João Gagliardi, officiaes do exercito e «sportsmen», em 2 do corrente.

(Cliches Benoliel)